

PERCURSOS DIGITAIS NO TINDER: DA ANÁLISE DOS PERFIS MASCULINOS ÀS COMBINAÇÕES PARA A “HOMOCURTIÇÃO”¹

Fabício de Sousa Sampaio

Secretaria da Educação Básica do Estado do Ceará- SEDUC/CE; Coordenadoria de Desenvolvimento da Escola e da Aprendizagem- CODEA/Diversidade e Inclusão Educacional/Educação, Gênero e Sexualidade.

farcosousa@yahoo.com.br

Resumo

As mídias digitais modificam, além de mediar, os processos de paquera e “pegação”² na contemporaneidade. Os aplicativos, como otimizadores das sociabilidades atuais, são também acionados para viabilizar a busca por parceiros sexuais e/ou amorosos. Este artigo objetiva analisar os percursos digitais engendrados por homens durante os processos de paquera e “pegação” no aplicativo Tinder. Para tanto, foi iniciada uma etnografia nesse “app”³ no final do ano de 2016. As reflexões preliminares que constituem esse artigo contaram com a colaboração de dez homens que residem atualmente na cidade de Sobral-CE. Performatividades de gênero, corpo, padrão “fitness”, visibilidade, cibercultura, performance, ritual e heteronormatividade constituíram as chaves de interpretação da “pegação” digital. Uma das principais constatações parciais dessa pesquisa foi a marcação social da paquera/ “pegação” masculina pelos ditames da heteronormatividade, pela moral da “boa forma” e pela “efeminofobia”.

Palavras-chave: Tinder, “Pegação”, Performatividades de gênero, Paquera, Aplicativos.

Introdução

As redes sociais, as comunidades virtuais e os aplicativos estão cada vez presentes na vida humana, servindo para inúmeros propósitos. Atualmente, estão se tornando interfaces de debate, conscientização e organização de manifestações que se iniciam na virtualidade e ganham as ruas no mundo inteiro. Estas interfaces promovem uma maior quantidade de contatos entre os indivíduos cujos interesses podem ser amorosos e/ou sexuais.

As mídias transformaram as formas de se comunicar das pessoas e as relações sociais. Algumas pesquisas apontam uma fragmentação identitária e outras para uma maior fluidez dos eus envolvidos na vida “online”. Richard Miskolci (2012) destaca três importantes aspectos da utilização dessas mídias: o protagonismo individual, a articulação das diferenças pessoais como

¹ Neologismo criado nesta discussão para se referir às paqueras e relações frívolas entre homens que se identificavam como homossexuais ou não. O performativo curtir atuava como uma espécie de autorização para enlances amorosos e/ou sexuais entre homens que habitavam ou não o “armário ampliado” (MISKOLCI, 2009) da web.

² Este termo brasileiro se refere ao “cruising”: “prática espacial erotizada e erotizante de praças, parques, locais desertos na cidade que se tornam pontos para encontros fortuitos, busca de parceiros e amores entre sujeitos, do sexo masculino” (GADELHA, 2015, p.65).

³ Abreviatura amplamente divulgada atualmente para o termo aplicativo.

elementos para efetivação de contatos e socialização (Ibid., p. 13) e a utilização de critérios particulares de seletividade em relação a essa efetivação (MISKOLCI, 2012). Este último aspecto se vincula diretamente aos objetivos desta pesquisa em andamento: a paquera e a “pegação” é marcada por eixos sociais que permeiam a seletividade dxs parceiros.

Este artigo discute parcialmente um dos desdobramentos da pesquisa de doutoramento realizada entre os anos de 2013 a 2016 sobre a paquera no Facebook. Nas interações de entrevistas, os colaboradores identificaram os aplicativos como um contexto mais efetivo para suas buscas por parceiros. O aplicativo Tinder foi o aplicativo mais citado pelos entrevistados sobralenses despertando assim o interesse científico de problematizar os percursos digitais dos homens em suas paqueras e “pegações” neste app.

A título de diferenciação, o termo paquera será utilizado durante as discussões em referência ao processo de busca amorosa nos mais diversos contextos culturais ou como o conjunto de atos e gestos que objetivam demonstrar interesse amoroso ou sexual por alguém. O termo “pegação” será adotado para contemplar tanto a fase final do processo de paquera quanto a busca sexual por parceiros nos contextos “online” ou “off-line”.

A análise dos percursos digitais dos colaboradores sobralenses nas suas buscas por parceiros amorosos e/ou sexuais no aplicativo Tinder, bem como os marcadores ou eixos que atravessaram essa busca constituem os objetivos centrais deste artigo.

Metodologia

A identificação dos percursos digitais de paquera e/ou “pegação” no Tinder, bem como as marcações sociais dessas buscas, foram possíveis a partir da análise das entrevistas abertas realizadas com dez sobralenses durante a pesquisa de doutorado no período de 2013 a 2016. Além disso, uma etnografia virtual foi iniciada no final de 2016. Inicialmente construí meu perfil no aplicativo, que está vinculado ao Facebook, para participar das sociabilidades cuja imperativo primeiro era “curtir” ou “não curtir” os perfis disponíveis na plataforma. Nesta primeira fase da etnografia, cujo objetivo era analisar as “narrativas de si” (COUTO, 2014) dos sujeitos e as imagens vinculadas, adotei a prática de “curtir” todos os perfis. Como resultado, obtive muitas combinações. Em outro momento, realizarei análises que contemplem essas interações do “match”.

As interpretações engendradas neste artigo são resultado tanto desta primeira fase da etnografia virtual quanto da análise das entrevistas abertas realizadas principalmente nos anos de 2015 a 2016. Os colaboradores foram nomeados aleatoriamente para manter o anonimato.

Resultados e Discussão

Os sujeitos utilizam as mídias a partir de necessidades do “offline” – como assevera Miskolci (2012) –, mas, nas experimentações da cibercultura – ou em espaços híbridos –, rituais, práticas e códigos do “offline” são ressignificados e recriados. A liberdade, o anonimato e a potencialidade das sociabilidades na cibercultura engendram a construção de outros códigos sociais.

A conectividade perpétua (CASTELLS, 2011) via celulares incorporados aos corpos e a intensa publicação de selfies⁴ constituem as peculiaridades da era contemporânea digital. A disseminação da internet e a intensificação das relações sociais mediadas por plataformas digitais não enclausurou ou diminuiu as formas de sociabilidades. As mídias permitiram a criação e o compartilhamento de conteúdos numa espécie de “contínuo on-offline” que marca a “sociedade digital” (MISKOLCI, 2016, p. 277). O termo digital caracteriza o mundo social hodierno marcado pela conexão através das tecnologias digitais⁵ (Op., Cit.).

Os aplicativos de paquera/ “pegação” analisados como “oásis” facilitam os engajamentos amorosos e/ou sexuais minimizando os desconfortos e as incompatibilidades e tornando as buscas mais objetivas e satisfatórias. Nas sociabilidades “oásis”, a pedagogia do esforço torna-se obsoleta e é substituída por uma pedagogia da vida festeira, prazerosa e de gozos ininterruptos, onde o antigo dualismo entre dores e alegrias se mostra superado por estados artificiais de continuada felicidade (COUTO, 2012, p. 169).

Estes aplicativos auxiliados pela tecnologia de geolocalização possibilitam identificar os usuários mais próximos. Essa prática é tributária das novas gerações, que “chegam a considerar a paquera face a face rude e associam-na a homens mais velhos, os quais não saberiam ‘quebrar o gelo’ antes por meio de uma mensagem em um dos aplicativos” (MISKOLCI, 2015, p. 22).

Os aplicativos potencializaram o “cruising”, “pegação” ou “fast foda”⁶ (MISKOLCI, 2016, p. 6), bem como aperfeiçoavam a seletividade de parceiros amorosos e/ou sexuais no “online” (Ibid., p. 23). Com a integração das mídias, os processos de paquera também se apresentavam de forma inter-relacionada e integrada aos diversos meios tecnológicos, pois, alguns aplicativos, como

⁴ Para Miskolci, a “selfie” nos remete à experiência de conectividade via mídias digitais que “induz seus usuários a apresentarem-se ao seu público segundo os padrões de beleza hegemônicos” (MISKOLCI, 2016, p. 284).

⁵ Mídias digitais envolvem o suporte material, as redes de acesso à internet, os conteúdos gerados nas outras mídias e as plataformas online (MISKOLCI, 2016, p. 282-3).

⁶ Termo paulistano – considerado por Miskolci (2016) – similar ao “hookup” – sexo sem compromisso – em San Francisco.

o tinder⁷ e o badoo, estavam integrados ao Facebook. Muitos colaboradores ratificaram ter, em algum momento, perfis em alguns aplicativos de “pegação”.

Além de uma seletividade geolocalizada, as mídias digitais – e os aplicativos, principalmente – estimulam uma “nova ética romântica” de estímulo ao prazer, à aventura e à busca por relações fluidas (PELÚCIO, 2015, p. 86) que está vinculada à “economia da abundância” (ILLOUZ, 2011). A existência dessa economia justifica a incessante atitude de descartar os perfis e/ou os corpos digitais que não importam naquele determinado momento. Um “novo ethos emocional” calcado na precarização das relações duradouras, no individualismo e na competitividade- conforma um “mercado afetivo” que rege as buscas no online (PELÚCIO, 2016, p. 315). Dito de outra maneira, as mídias digitais permitem construir redes de relacionamento sob critérios de seletividade dentro de um mercado amoroso e sexual (MISKOLCI, 2016).

Na busca por parceiros nos aplicativos, o corpo ganha centralidade e é construído e apresentado para o sexo (MISKOLCI, 2015, p. 141). Esta centralidade se deve ao fato de que a imagem representa a sua expressividade (MISKOLCI, 2016). Para obter prestígio e status no contínuo on/off-line, os usuários engendram um trabalho constante com as suas imagens (Ibid., p. 285). Além disso, nas mídias digitais dificilmente há um reconhecimento da simpatia, humor e personalidade que ocorre nas interações off-line (MISKOLCI, 2016). Os apps são utilizados para buscar, na maioria das vezes, sexo rápido:

Muitas das vezes, é mais para aventuras. No caso mais de contato realmente de sexo. A maioria, dos que eu conheço, a maioria é só para isso. Não tem, assim, para manter uma amizade. [...] A maioria dos que eu conheço, não estou generalizando, estou falando dos casos que eu tenho conhecimento (Dracon/2016).

Outro fator característico das buscas nos aplicativos é a rapidez que está envolvida numa impressão de eficiência (MISKOLCI, 2016, p. 287). A possibilidade do encontro imediato e sem esforço está vinculada à possibilidade geolocalizada do encontro de pessoas por afinidades: “as pessoas que são como você [...]” (ILLOUZ, 2016, p.306).

E aí, esses aplicativos já facilitam o caminho, você já tem a pessoa que está perto de você, que gosta das mesmas coisas que você, que você já vê a pessoa. E aí que era o que acontecia muito né, nesse bate-papo da Uol, as pessoas elas não viam as outras pessoas ou quando viam eram outra pessoa, que não era a pessoa mesmo realmente. Mas eu acho que, se a finalidade for para isso, eu acho que eles são muito úteis (Gil/2016).

De forma sintética, as buscas no “online” são marcadas pela existência de uma economia da abundância que se vincula a um mercado afetivo e sexual onde os usuários estão imersos numa

⁷ O vínculo com o Facebook representou um atrativo e um mecanismo de afinação das combinações por afinidades no Tinder. Além disso, evita perfis falsos (PELÚCIO, 2015, p. 81).

competição para se tornarem mais visíveis e/ou desejáveis. Estas buscas são atravessadas pela constituição de relações fluidas e direcionadas na maioria das vezes para a “pegação”. Na próxima seção, a discussão focalizará os percursos digitais de “pegação” no aplicativo Tinder.

A dinâmica do aplicativo Tinder é parecida com um jogo (PELÚCIO, 2015, p. 81). Para iniciar o jogo da “pegação” digital, o usuário precisa criar um perfil e depois escolher três filtros de seletividade na busca por parceiros: a distância entre o seu perfil e os outros – estipulada no máximo até 159 km; o gênero⁸ - homens, mulheres ou trans; e a faixa etária – de 18 anos em diante. A “caçada” online é marcada por cinco funcionalidades: o “like”, o “pass”, o “superlike”, o “boost” e a função atualizar⁹. O “like” ou “curtir” – simbolizado pelo coração na cor verde – é acionado para perfis que os usuários se interessam. E o “passar” – simbolizado pela letra x na cor vermelha – é acionado para descartar os perfis. O “superlike” é simbolizado por uma estrela azul e enfatiza o “like” dirigido a determinado perfil.

O perfil é um questionário que ajuda a singularizar os usuários na infinidade de parceiros disponíveis na internet (ILLOUZ, 2011). Nos sites de relacionamento amoroso e sexual especializados, a pessoa é “simultaneamente solicitada a se descrever de forma objetiva e a evocar e refinar, na fantasia, os seus ideais (de amor, parceiro e estilo de vida)” (Ibid., p. 112). Por essa razão, se torna crucial, na seleção dos parceiros sexuais ou até de possíveis amigos, a análise de todas as atividades e conteúdos das páginas dos usuários.

A busca no Tinder – guiada pela lucratividade e benefícios amorosos e/ou sexuais – ao invés de prejuízos, desconfortos e insatisfações – orientava os processos de “pegação” analisados por uma nova ética de “flerte”, “catação” ou do amor: as buscas eram dirigidas para as aventuras e relações mais fluidas (PELÚCIO, 2015, p. 86).

A paquera e/ou a “pegação” seguia determinados percursos digitais os quais eram interseccionados por marcadores sociais no âmbito da seletividade dos corpos passíveis do “curtir” ou mais desejáveis. Após a produção do perfil no aplicativo, os colaboradores esquadriavam as fotos do perfil dos participantes e às vezes enviavam saudações ou “emotions”. Se ocorresse alguma demonstração de interesse, os rituais de apresentação eram acionados. Neste ínterim,

⁸ O aplicativo liberou recentemente outras opções de gênero nos países da Espanha, França, Alemanha e EUA. É possível escolha entre transgênero, trans homem ou trans mulher, além do homem e mulher. Fonte: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/tinder-libera-opcoes-de-genero-a-transgeneros-na-europa.ghtml> . Acesso: 04/08/2017.

⁹ Função “voltar” a exposição dos perfis na plataforma. Esta função pertence a versão paga- o “Tinder plus”. Além desta função, a versão paga do Tinder disponibiliza: curtidas ilimitadas; o “boost” ou “fure a fila para conseguir mais matches”; definição de idade e distância; “escolha quem vê você”- seu perfil apenas é mostrado para quem curtiu; “deslize mundo afora; cinco “superlikes” gratuitos diariamente; e a função que desliga os anúncios.

iniciava-se o bate-papo que poderia se realizar na ambiência do aplicativo ou migrar para o whatsapp “bem mais simples, depois de vistas as fotos de perfis, os interessados em alguém em especial chamam no privado e começam conhecendo-se. E lá os assuntos são diversos. E mais pessoais, naturalmente” (Hugo, 2016).

A curtição parece se opor a termos como ‘relações’, ‘relacionamentos’ e ‘parceiros’, os quais possuem conotações de engajamento, vínculo e compromisso. Essa noção se refere à possibilidade simultânea e legítima de se conectar e se desconectar (BAUMAN, 2004, p. 12). Semelhante à palavra ‘rede’, citada por esse sociólogo polonês, a curtição “sugere momentos nos quais ‘se está em contato’ intercalados por períodos de movimentação a esmo. Nela, as conexões são estabelecidas e cortadas por escolha” (Ibid., p. 12). O curtir suspenderia, de certa maneira, os engajamentos e compromisso identitários com a ilusão de se livrar das normas regulatórias. A curtição como interpelação parece atuar como dispositivo da sexualidade em contextos restritivos da heterossexualidade. Tal dispositivo autorizaria uma situação amorosa e sexual ambivalente: o desejo e a prática são homossexuais, mas a identidade social continua heterossexual. Talvez, para o sujeito que o acione, a percepção de que esteja no armário não faça sentido, porque ele não se identifica com a homossexualidade ou com o estilo estereotipado de vida gay. Em acréscimo, pensar que este sujeito não se assume, pode ser complicado, porque ele não pode assumir algo com que ele nega se identificar.

De início, podemos suspender a constatação mais fácil de que a “performatividade-curtição”, como mecanismo, legítima então um homem amar ou fazer sexo com outros homens e não ser considerado homossexual: os usuários e pessoas do “offline” compartilhavam da possibilidade – pressuposta como desejável e que se constitui num atrativo a mais para o status de desejabilidade dos corpos por conta da efeminfobia – de se relacionar com pessoas do mesmo sexo e não serem reconhecidos como homossexuais – conforme a constatação de Miskolci (2013, p. 303). Dito de outra forma, a “performatividade-curtição” pode funcionar como reforçadora da heteronormatividade e ponto de apoio do regime do armário nos contextos “online” e “offline” por desconsiderar a inteligibilidade da homossexualidade ou homoafetividade como algo a ser publicizado e reconhecido socialmente, relegando suas práticas, desejos e sentimentos ao estratégico mecanismo da desvinculação, da efemeridade ou do “por uma noite apenas” e seus correlatos.

Nas buscas analisadas, a dimensão corporal era sobressaltada através da troca de fotos. Os colaboradores ratificaram que, nos aplicativos de “pegação”, a exposição dos corpos parecia ser

esquadrinhada por critérios estéticos corporais relacionados ao ideal de corpo malhado, liso e cujas poses nas fotos atestassem a masculinidade heterossexual.

A partir dos depoimentos e das incursões realizadas no Tinder permitiram afirmar que na paquera e/ou “pegação” os corpos eram sexuais, generificados e que buscavam outros corpos sexuais/generificados, ambos marcados socialmente pela heteronormatividade¹⁰ e pelos padrões estéticos de beleza dominantes.

Este corpo – objeto de paquera e “pegação”- era resultado de um programa ajustável aos ideais estéticos dominantes, construído com auxílio da imaginação. Esse processo era desencadeado por dois textos – a foto e o perfil – e “por um conhecimento do outro que é verbal e racional, isto é, baseado em categorias e cognições, não nos sentidos” (ILLUOZ, 2011, p. 148). Há a construção de projeções das pessoas. Este estilo de imaginação no “online” “descorporifica os contatos, transforma-os em puros fatos psicológicos e textualiza a subjetividade” (Ibid., p. 138). E, diferentemente, da imaginação romântica calcada no corpo e na ordem do sentir, a imaginação da internet é baseada na ordem do conhecer em que fantasiar e buscar alguém tem como referência uma lista de atributos abstratos e incorpóreos que se supõe corresponder ao ideal desejado pelo indivíduo (ILLUOZ, 2011).

Além disso, a paquera entre homens no Tinder era regulada pelos imperativos da “matriz heterossexual”¹¹. No regime da heterossexualidade existem “performances de gênero hegemônicas” atreladas ao feminino e ao masculino. Elas constituiriam “ficções sociais sedimentadas ao longo do tempo e que gerariam um conjunto de estilos corporais” (BENTO, 2006, p. 92). Ambos sujeitos nos processos de buscas, esquadrinhavam os perfis encaixando-os em másculo ou afeminado, bicha ou boy, numa exímia alusão e ato performativo do binarismo de gênero que sustenta essa matriz regulatória dos relacionamentos sociais, amorosos e sexuais na contemporaneidade. O descarte dos perfis se direcionava aos perfis “rasgados” na maioria das vezes.

Até porque assim, as pessoas vão mais por características, como eu te falei, de indícios, procurar algo ali que vai dar a característica da pessoa ser ou não ser. E vai a busca, se vê que não tem disso, não apresenta nenhuma característica, nem nos amigos em comum, nem em locais, que é mais frequentado pelo público gay. A pessoa acaba desistindo, por não ter essas características (Luís, 2016).

¹⁰ Este conceito criado por Michael Warner exige que todo/as organizem suas vidas conforme o modelo ‘coerente’ da heterossexualidade. E difere da heterossexualidade compulsória por esta exigir a heterossexualidade das pessoas como único destino. Já na heteronormatividade, todas as orientações sexuais devem organizar suas sociabilidades conforme a matriz heterossexual (COLLING, 2015, p.24).

¹¹ Butler utiliza o termo ‘matriz heterossexual’ para designar “grade de inteligibilidade cultural por meio da qual os corpos, gêneros e desejos são naturalizados” (BUTLER, 2010, p. 216).

O descarte dos perfis “rasgados” ou afeminados esquadrihados a partir de “indícios”, de acordo com o relato de Luís, vincula-se ao padrão de sociabilidade heterossexual que domina também os processos afetivos, amorosos e sexuais entre os homens e as homossexualidades. Por isso, justifica-se a preferência por homens “machos” na “pegação” do Tinder, pois

Se a saúde, beleza, a normalidade foram construídas- dentro da hegemonia heterossexual- como sinônimo de ser/parece hetero, não há porque estranhar a recusa insistentemente repetida ‘on-line’ com relação a homens efeminados, não-malhados, em suma, supostamente reconhecíveis como gays no espaço público (MISKOLCI, 2015, p. 144).

Além disso, interseccionado ao gênero, o esquadrihamento curtiava os perfis de homens que se aproximavam do padrão estético “fitness”, ou seja, homens másculos e musculosos. Na pesquisa em foco, os corpos afeminados, gordos ou “fora de forma” e “estilosos”¹² eram considerados não desejáveis.

Eu acredito que, as pessoas são magras, tem um corpo mais, definido, né. Tem uma facilidade mais do que as outras de encontrar [...]. Eu estou sendo realista. As pessoas que são magras, que tem aparência mais bonita, acabam se dando melhor [...] que a pessoa tem um corpo, magro, que seja definido, que frequente uma academia, tem mais facilidade de encontrar alguém do que uma pessoa gordinha, cheinha... (Ricardo, 2016).

A proximidade era outro elemento esquadrihado na “pegação” para facilitar os encontros e as paqueras mais descartáveis. Ao eliminar os intermediários, o Tinder é mais preciso e econômico, nos termos da maioria dos colaboradores, pois a busca pode ser realizada em qualquer lugar e momento, e dispensa a deriva no chamado “meio gay”¹³ para paquerar/ “pegar”.

Outro marcador social da “pegação” no Tinder era a faixa etária. De acordo com os colaboradores, os jovens tinham maior possibilidade de receber mais curtidas. Os perfis que possuíssem quarenta anos em diante já eram descartados antes de iniciar a busca, visto que há a possibilidade de selecionar os perfis pelo critério da geração.

O “match” simboliza uma afinidade de interesses entre os perfis que se curtirem, mas não assegura o encontro. Alguns colaboradores disseram esperar que o usuário inicie a conversa. Para outros colaboradores, o bate-papo nem sempre ocorre imediatamente após a combinação, pois, às vezes, os usuários não estão “online”. Entretanto, para todos os entrevistados, o bate-papo que ocorre depois do “match” é permeado pelos mesmos esquadrihamentos praticados na fase inicial

¹² Este termo se referia na fala de Neto aos perfis que possuíam imagens de homens com cabelos “um cabelo muito bem desenhado, e uma roupa muito acochada e, uns estilos de roupa bem extravagante, ne, porque os gays usam muito isso”. A identificação do gay nas imagens se realizava sob os critérios estéticos relacionados ao tipo de corte de cabelo e vestimentas.

¹³ Circuito comercial de entretenimento e paquera homossexual – como uma fase posterior ao “gueto” (MISKOLCI, 2013, p. 302).

de análise dos perfis, tais como a performance de gênero, a localização geográfica e a faixa etária. Além disso, a conversa após a combinação também gira em torno das preferências sexuais – geralmente no Tinder os usuários não expõem estas preferências nas suas descrições de si – e pode migrar para o aplicativo whatsapp: em muitos perfis analisados, as informações relacionadas a este aplicativo já estão disponibilizadas publicamente, assim como o perfil do instagram.

Conclusões

Sinteticamente, os percursos digitais da “pegação” no Tinder podem ser esquematizados da seguinte maneira. Inicialmente, o usuário cria um perfil no aplicativo a partir de seu perfil no Facebook. Depois, esquadrinha os perfis disponíveis na plataforma. Se ocorrer a combinação, o bate-papo pode ser iniciado e migrar para outras mídias tais como o whatsapp e o instagram.

As paqueras e “pegações” no Tinder eram marcadas pelas “performances de gênero hegemônicas”, pelo padrão estético “fitness” e pela nova ética amorosa da curtição via abundância vinculada ao mercado do flerte “online”. Esses marcadores interseccionavam as buscas desde o ritual do esquadrinhamento, durante o bate-papo após as combinações, como também durante e após as conversações através de outras mídias digitais tais como o whatsapp.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BENTO, Berenice. **A Reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond-Universitária, 2006.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. 3. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**: A Era da Informação - Economia, Sociedade e Cultura. São Paulo, Paz e Terra, 2011.
- COLLING, Leandro. O que perdemos com os preconceitos. In: **Revista cult**: dossiê- ditadura heteronormativa, São Paulo-SP, Editora Briantine, n.202, ano 18, junho/2015. P.22-25.
- COUTO, Edvaldo Souza; GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs.). **O triunfo do corpo**: polêmicas contemporâneas. Petropolis, RJ: Vozes, 2012.

COUTO, Edvaldo Souza. “Pedagogias das conexões: compartilhar conhecimentos e construir subjetividades nas redes sociais digitais”. In: PORTO, Cristiane; SANTOS, Edmea (Orgs.). **Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar** [online]. Campina Grande: EUEPB, 2014. p. 47-65. Disponível em: <<http://static.scielo.org/scielobooks/c3h5q/pdf/porto-9788578792831.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2016.

GADELHA, Kaciano Barbosa. Para além da “pegação”: performatividade e espacialidade na produção de materialidades sexuais on-line. In: **Askesis**, v.4, n.1, p. 56-73. Jan./jun., 2015. Disponível em: <http://www.revistaaskesis.ufscar.br/index.php/askesis/article/view/44/pdf>. Acesso: 10/05/2016

ILLOUZ, Eva. **O Amor nos tempos do capitalismo**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2011.

_____. No coração pulsante da cultura – Entrevista com Eva Illouz. **Contemporânea** – Revista de Sociologia da UFSCar, v. 6, n. 2, jul.-dez. 2016, pp. 299-308. Disponível em: <http://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/423/178> . Acesso: 04/08/2017.

MISKOLCI, Richard. O armário ampliado: notas sobre a sociabilidade homoerótica na era da internet. In: **Gênero**. Niterói, v.9, n.2, p. 171-190. 1. Sem.2009. Disponível em: <http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/88/64>. Acesso: 15/04/2016.

_____. A Gramática do Armário [online]: notas sobre segredos e mentiras em relações homoeróticas masculinas mediadas digitalmente. In: PELÚCIO, Larissa [et al] (orgs.). **Olhares plurais para o cotidiano: gênero, sexualidade e mídia**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 32-52. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/ebook-olhares-plurais.pdf>. Acesso: em 25/04/2015.

_____. Machos e Brothes: uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas on-line. In: Estudos Feministas, Florianópolis, 21(1): 424, p.301-324. jan./abr., 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100016/24652>. Acesso: 02/04/2016.

_____. Sociologia Digital: notas sobre pesquisa na era da conectividade.

Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar, v. 6, n. 2, jul.-dez. 2016, pp. 275-297.

Disponível em:

<http://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/422/177> . Acesso: 16/12/2016.

_____. “Do armário à discrição? Regimes de visibilidade sexual das mídias de massa às digitais”. In: PELÚCIO, Larissa; PAIT, Heloísa; SABATINE, Thiago. **No emaranhado da rede: gênero, sexualidade e mídia, desafios teóricos e metodológicos do presente**. São Paulo: Annablume Queer, 2015. p. 131-148.

PELÚCIO, Larissa. Afetos, mercado e masculinidades contemporâneas: notas iniciais de uma pesquisa em aplicativos móveis para relacionamentos afetivos/sexuais. **Contemporânea** – Revista de Sociologia da UFSCar, v. 6, n. 2, jul.-dez. 2016, pp. 309-333. Disponível em:

<http://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/424/179> . Acesso:
16/12/2016.

_____. “O amor em tempos de aplicativos: notas afetivas e metodológicas sobre pesquisas com mídias digitais”. In: PELÚCIO, Larissa; PAIT, Heloísa; SABATINE, Thiago. **No emaranhado da rede: gênero, sexualidade e mídia, desafios teóricos e metodológicos do presente.** São Paulo: Annablume Queer, 2015. p. 81-108.